

DOSSIÊ DEVOÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

doi: [10.25247/paralellus.2024.v15n36.p051-081](https://doi.org/10.25247/paralellus.2024.v15n36.p051-081)

MULHERES BENZEDEIRAS RAMOS E RESISTÊNCIA: UM OLHAR A PARTIR DO TERRITÓRIO DA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE ITAPOÃ EM LONDRINA PARANÁ

BLESSER RAMOS WOMEN AND RESISTANCE: A LOOK FROM THE TERRITORY OF THE BASIC HEALTH UNIT ITAPOÃ IN LONDRINA PARANÁ

MUJERES BENZEDEIRAS RAMOS Y RESISTENCIA: UNA MIRADA DESDE EL TERRITORIO DE LA UNIDAD BÁSICA DE SALUD DE ITAPOÃ EN LONDRINA PARANÁ

Ana Patrícia Pires Nales *

Angela Cristina Lopes **

RESUMO

Frente ao cenário da resistente valorização do saber biomédico em detrimento do saber popular nos serviços de saúde, o presente estudo objetiva compreender as práticas tradicionais de cura das benzedeadoras e sua relação com a Unidade Básica de Saúde, a partir da própria narrativa dos sujeitos. O trabalho é de natureza qualitativa do tipo descritiva, e traz uma revisão de bibliografia sobre o tema bem como um olhar sobre a relação das

* Doutora em Serviço Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina (2015). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: apatriciapn@uel.br.

** Mestre em Serviço Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina (2023). Atualmente é Assistente Social da CRAS SANTO AMARO. E-mail: angelacristina.lopes@live.com.

benzedeiras com os serviços de saúde através da análise das falas registradas, a partir de entrevista semi estruturada com as benzedeiras pertencentes ao território da UBS Itapoã. Com base na narrativa das benzedeiras realiza-se uma aproximação analítica ao Ser Benzedeira e A relação do saber de cura das benzedeiras e o saber hegemônico em saúde. O caminho percorrido desvela que as benzedeiras olham para os serviços de saúde em posição de respeito pelo trabalho ofertado à população, entretanto, as mesmas não possuem espaço de fala dentro das instituições de saúde, uma vez que ainda hoje existam diversos tabus referentes às práticas alternativas de saúde.

Palavras-chave: saúde coletiva; benzedeiras; práticas alternativas; saber popular.

ABSTRACT

Faced with the scenario of resistant valuation of biomedical knowledge to the detriment of popular knowledge in health services, this study aimed to understand the traditional healing practices of healers and their relationship with the Basic Health Unit, based on the subjects' own narrative. The work is of a descriptive qualitative nature, where we interviewed two healers from the UBS Itapoã territory. The interviews were semi-structured based on a script aimed at the flexibility of responses. The analyzes of the interviews were carried out from two categories: The Being Benzedeira and The relation of the healing knowledge of the healers and the hegemonic knowledge in health. In the first category, we seek the constitutive elements of the healers, while in the second category we focus on understanding the consequences of the relationship between popular knowledge and biomedical knowledge. Finally, we conclude that the healers look to health services in a position of respect for the work offered to the population, however, they do not have a space for speech within health institutions, since today there are still several taboos regarding alternative practices of health.

Keywords: collective health; healers; alternative practices; popular knowledge

RESUMEN

Frente al escenario de la resistente valorización del conocimiento biomédico en detrimento del conocimiento popular en los servicios de salud, este estudio tiene como objetivo comprender las prácticas curativas tradicionales de las benzedeiras y su relación con la Unidad Básica de Salud, a partir de las narrativas de los propios sujetos. El trabajo es de naturaleza cualitativa y descriptiva e incluye una revisión de la literatura sobre el tema, así como una mirada a la relación entre las benzedeiras y los servicios de salud a partir del análisis de las declaraciones registradas en entrevistas semiestructuradas con benzedeiras pertenecientes a la UBS de Itapoã. A partir de las narrativas de los benzedeiras, se realiza una aproximación analítica al Ser Benzedeira y a la relación entre los saberes curativos de los benzedeiras y los saberes hegemónicos en salud. El camino recorrido revela que las

benzedeiras ven los servicios de salud con respeto por el trabajo ofrecido a la población; sin embargo, no tienen un espacio para hablar dentro de las instituciones de salud, ya que aún existen muchos tabúes en relación a las prácticas alternativas de salud.

Palabras clave: salud colectiva; benzedeiras; prácticas alternativas; saber popular.

1 INTRODUÇÃO

A humanidade ao longo da história vem enfrentando o desafio da sua finitude e adoecimento. A compreensão e as práticas voltadas para o processo saúde-doença vão sendo construídas a partir dos elementos determinantes e constitutivos de cada comunidade e, segundo os interesses dominantes de cada momento histórico diferentes práticas passam a ser hegemônicas.

As pessoas apreenderam os processos saúde-doença a partir da sua forma de produzir e entender o mundo. Podemos identificar que inicialmente temos a saúde e a doença sendo explicadas através de concepções religiosas, o bem e o mal, castigo e dádiva.

Historicamente a humanidade recorreu à natureza e a crenças para buscar curas para os males do corpo e da alma, bem como pra adiar e entender a finitude, “[...] praticamente com exceção do século XX, toda a história da cura encontra-se intimamente ligada às plantas medicinais e aos recursos minerais.” ALMEIDA (2011, p. 35).

Ressaltamos que o conhecimento dos elementos da natureza foi e até hoje se faz importante para as práticas de cura. Na contemporaneidade o saber biomédico prevalece, entretanto é possível encontrarmos diferentes atos em saúde e mesmo algumas experiências que resgatam saberes ancestrais no processo do cuidado. MERHY, (2004 p. 81):

[...] Nos últimos séculos, o campo da saúde foi se constituindo como um campo de construção de práticas técnicas cuidadoras, socialmente determinadas, dentro do qual o modo médico de agir foi se tornando hegemônico. Mas, mesmo dentro desse modo particular de agir tecnicamente na produção do cuidado, nesses

anos todos, há uma enorme multiplicidade de maneiras ou modelos de ação [...].

É possível identificarmos a construção de novas práticas dentro da política de saúde que apresentam como foco o conceito de saúde ampliado, onde a população assume a posição de sujeito e corresponsável pelo processo saúde-doença.

Visto que, dentro do processo do cuidado é atribuído o papel de protagonista ao usuário, os seus saberes passam a ser considerados dentro do seu processo saúde-doença, onde objetiva-se não somente a ausência de doenças, mas a melhoria da qualidade de vida em diversas esferas.

Dentro da saúde coletiva Merhy discute sobre a participação do usuário no seu processo do cuidado e define como “agir-usuário”, segundo MERHY (2013, p. 60):

[...] Outra característica-chave do agir-usuário, que sempre é importante de ser elaborada nesse encontro do mundo do cuidado e que está ali presente a todo tempo, são os saberes que cada usuário tem de si, do mundo, dos outros. Ou seja, são os elementos teóricos úteis que possui para estar no mundo e agir no mundo. Esses elementos, se não forem apreendidos pelos trabalhadores de saúde, levam com certeza a fracassos terapêuticos importantes [...].

Ele valoriza os saberes construídos pelos usuários, apontando que as propostas terapêuticas podem fracassar se não considerarem os elementos trazidos pelos usuários, visto que, seus valores são construídos a partir de suas vivências, da realidade a qual pertencem.

Os saberes da população são diversos, sendo transformados a cada vivência. Saberes estes carregados de sentidos e significados. De acordo com Rodrigues; De Simoni (2010 apud MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012, p. 15):

[...] Cerca de 82% da população brasileira utiliza produtos à base de plantas medicinais nos seus cuidados com a saúde, seja pelo conhecimento tradicional na medicina tradicional indígena, quilombola, entre outros povos e comunidades tradicionais, seja pelo uso popular na medicina popular, de transmissão oral entre gerações, ou nos sistemas oficiais de saúde, como prática de cunho científico, orientada pelos princípios e diretrizes do Sistema Único de

Saúde (SUS). É uma prática que incentiva o desenvolvimento comunitário, a solidariedade e a participação social [...].

Por anos o sistema público de saúde colocava-se distante desses saberes assumindo posições hierárquicas de superioridade, ainda hoje essa postura prevalece, mas, é possível encontrarmos pequenos nichos onde o saber popular encontra espaço na política de saúde. Entre esses nichos destacamos a experiência da cidade de Brasília, onde 50 benzedeadas atuam nas unidades básicas de saúde, realizando atendimentos uma vez no mês, e fazendo parte da dinâmica da UBS. Trabalhadores e benzedeadas se cruzam respeitando-se diante da demanda da população incluindo mesmo que uma vez por mês rezas e orientações populares no cotidiano da unidade.

[...] O trabalho das benzedeadas começa com uma roda, onde fazem uma oração entre elas. Em seguida, organizam outro grande círculo, desta vez com os presentes, quando fazem a leitura de um texto e explicam a dinâmica do benzimento. Elas ficam na unidade por duas horas, no final da manhã ou da tarde. Senhas são distribuídas ao longo deste tempo e as pessoas são encaminhadas às benzedeadas [...]. SECRETARIA DE SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL.

Segundo a reportagem da página da Secretária de Saúde do Distrito Federal, as benzedeadas são extremamente procuradas nas UBS em Brasília.

Nesse contexto e a partir de nossa prática cotidiana na unidade básica de saúde nos colocamos em movimento para entender as práticas tradicionais populares que persistem até hoje e sua relação com o serviço de saúde do território do Itapoã, para quem sabe visualizar caminhos para o estabelecimento de parcerias entre as instituições de saúde e a prática do benzimento no território.

No território da UBS Itapoã são atendidos aproximadamente 16 mil pessoas, e diariamente realizados em média 200 atendimentos (médicos e não médicos). Os profissionais de saúde que atuam na unidade trazem seus valores e formas de ver o mundo, e na maioria das vezes o saber popular é desacreditado, podendo gerar conflito com os usuários, pois, as benzedeadas fazem parte da vida cotidiana de muitas das pessoas atendidas no território.

Entendendo que as benzedeadas são sujeitas reconhecidas pela comunidade, que de fato buscam levar alívio das dores e que a perspectiva delas sobre seu ofício e a postura dos profissionais de saúde é pouco conhecida, temos nesse trabalho o objetivo de “Compreender as práticas tradicionais de cura das benzedeadas e sua relação com a UBS, a partir da própria narrativa dos sujeitos”. Para tanto apresentamos aqui uma revisão de bibliografia que resgata brevemente a trajetória do saber das mulheres que realizam atos de cura e uma pesquisa qualitativa com as benzedeadas do território que é analisada a partir de 2 categorias: ‘O Ser Benzedeadas’ e ‘A relação do saber de cura das benzedeadas e o saber hegemônico em saúde’, para identificar nossos sujeitos da pesquisa demos os nomes de Reza E Ramo.

Através de suas falas construiremos nossa compreensão sobre essa relação tão delicada entre saber hegemônico e saber popular no processo saúde doença da população, entendendo que, a compreensão desse saber construído, “[...] permite situar a cura e o ofício das benzedeadas a partir da perspectiva destas como “agentes” de fato do processo de cura, e não apenas como “a mão que segura o ramo” Cunha e Assunção (2016, p. 193)”.

2 DESENVOLVIMENTO

Para nos aproximarmos da complexa relação das práticas de benzimento e as ações de cura, precisamos brevemente, pontuar que essa é uma prática ancestral na qual as mulheres são protagonistas.

É difícil precisar o surgimento da relação das práticas de cura e as mulheres, entretanto, elas são apontadas, segundo Andrade (2019), como possivelmente as primeiras curandeiras da história da humanidade. As mulheres observavam a natureza, e conheciam umas as outras, suas dores e histórias o que lhes garantia a capacidade de criar estratégias de sobrevivência. Elas conheciam o ciclo gestacional, eram parteiras, conseguiam realizar abortos e administravam seus

conhecimentos naturais conforme a necessidade apresentada para proteger a si, a seus familiares e a outras mulheres.

Segundo Andrade (2019) as mulheres na medida em que conheciam os ciclos do seu próprio corpo passaram a relacionar com os ciclos da natureza; elas construíram seus saberes a partir da observação e suas vivências. Essas mulheres se mantinham unidas no mesmo propósito, de curar, se configurando como rede de apoio e solidariedade.

Durante a Idade Média o poder concentrava-se na mão dos senhores feudais e do clero, as demandas de saúde eram atendidas pela filantropia e exorcismo, tudo diferente disso era taxado feitiçaria. As mulheres que até então praticavam ações para curar passaram a ser perseguidas pela Igreja Católica. Esse movimento ficou conhecido como *Caça às bruxas*, onde aconteceu a “[...] Tortura de milhares de mulheres na Europa, muitas mortas em fogueiras, entre os séculos XVI e XVII”. SILVA; OLIVEIRA (2020, p. 303). Foram acusadas de cometerem bruxaria, uma vez que, seus saberes baseados nas práticas naturais não eram reconhecidos pelos detentores do poder da época e havia a necessidade de conter possível protagonismo feminino.

A autora ZORDAN (2005, p. 332) aponta que:

[...] Rompendo leis que certamente ignoravam, as bruxas encarnam tudo o que é rebelde, indomável e instintivo nas mulheres. Tudo aquilo que, nesse tipo de sociedade, demanda severas punições para que o feminino ‘selvagem’ se dobre ao masculino ‘civilizado’ [...].

Como explicita a autora, a perseguição contra as mulheres era de cunho misógino, onde os homens, através do terror imposto pelas punições da Santa Inquisição, determinavam quais comportamentos às mulheres poderiam reproduzir.

Os suplícios eram aplicados de forma pública e seus feitos femininos sempre correlacionados a obras satânicas. Segundo Zordan (2005) nem no campo das

divindades as mulheres poderiam “disputar” um espaço, uma vez que, é uma figura masculina que ocupa o cargo do Deus cristão, o todo poderoso.

Para Galetti (2013 apud ANDRADE, 2019, p. 104):

[...] Os saberes de cura se tornaram também uma ameaça ao saber científico da medicina que estava se desenvolvendo no período citado. Além disso, as mulheres se organizavam de forma comunitária e nas reuniões trocavam os saberes e segredos de cura do corpo e da alma. Participaram ainda das revoltas camponesas antes da centralização dos feudos e foram caçadas e exterminadas pelo simples fato de serem mulheres e possuidoras de saberes de cura [...].

Entendemos que, as mulheres além de desenvolverem as práticas de cura, também mobilizavam coletivas e contribuía nas discussões acerca da realidade a qual estavam inseridas. Ou seja, eram figuras de resistência, reconhecidas pela população, entretanto caçadas pelas autoridades.

Na transição da Idade Média para a Idade Moderna, temos o movimento que ficou conhecido como Renascimento Cultural. Tal período foi marcado por profundas mudanças na estrutura da sociedade, em diversos campos: econômico, político, artístico e científico. Nesse momento o uso da razão e a individualidade dos sujeitos passam a ter destaque em detrimento das doutrinas apregoadas pela Igreja Católica.

Os feudos dão espaço para os estados absolutistas, tendo o rei como figura soberana, entretanto a burguesia começa a emergir e se fortificar nesse período. Já no início do século XVIII, temos o Iluminismo – conhecido como Idade das Luzes – onde, os filósofos da época questionavam o poder absoluto dos reis, o dogmatismo da Igreja que ainda permeava a sociedade, entre outros aspectos. Mais tarde, os ideários iluministas nortearam a Revolução Francesa que trouxe o fim do absolutismo e o início do capitalismo.

O advento do capitalismo associado ao desenvolvimento científico e tecnológico causa mudanças na forma de produzir a saúde. Na modernidade os tratamentos são desenvolvidos embasados em pesquisas e experimentos científicos.

A modernidade rompe com a ligação entre religião e medicina, propõe um novo modelo, cético, com saberes fragmentados e baseados no racionalismo. Segundo NASCIMENTO (2018, p. 03):

[...] A institucionalização da medicina inaugura, então, uma política de produção de conhecimento que passa a ser marcado por uma relação desigual de poder no momento em que os saberes femininos que as mulheres detinham sobre seus corpos foram sistematicamente invisibilizados [...].

Entretanto, a procura da população pelas benzedeadas não cessou nesse período, pelo contrário, permanece até os dias atuais. As práticas tradicionais populares de cura continuam sendo utilizadas. As mulheres em especial, permanecem perpetuando os saberes e a importância da prática de cura com acolhimento a todos que a procuram.

Entendemos que a medicina alternativa representa um vasto campo de práticas e saberes em saúde que se estruturam a partir dos conhecimentos tradicionais populares. Moura (2009) conceitua o benzimento como expressão da medicina popular, segundo ela as práticas de benzeduras fazem parte da medicina tradicional, visto que, o modo de transmissão é feito basicamente de forma oral, gestual e é difundido pelos membros da comunidade.

O benzimento está incluso nas práticas alternativas, que se baseia na religiosidade, espiritualidade e nos saberes naturais construídos, Moura (2009, p. 54) explica que:

[...] Seus procedimentos estão calcados no empirismo terapêutico, no qual, a observação e conhecimento experimentado, fornecem-lhe a base para a eficácia em determinados casos. Representam uma forma específica de se pensar o corpo, a doença e a cura, baseados numa concepção simbólica e mágica do mundo [...].

As práticas do benzimento são desenvolvidas por mulheres majoritariamente, segundo Cunha e Assunção (2016, p. 190) são “[...] senhoras que trabalham em espaços domésticos, utilizando os artifícios de um saber mágico, ritualístico e religioso, num misto de terapeutas, rezadeiras e conselheiras.”.

Nos rituais de benzimento são utiliza-se plantas, roupas, fotos, sempre acompanhados de uma reza. As rezas geralmente são direcionadas a santos católicos, pois são vistos como intercessores. Nery (2016 p. 6) aponta que “[...] É impossível separar a planta medicinal do rito mágico-religioso. Os próprios benzedores benzem com as plantas e ensinam a utilidade de cada uma delas.”.

Diferentemente dos médicos, a cura das benzedadeiras não está ligada somente ao aspecto físico, de acordo com Cunha e Assunção (2016, p.195), “[...] Elas explicam seus serviços em termos culturais mais amplos, mais familiares, envolvendo os aspectos social, psicológico e espiritual da vida de seus pacientes.”.

Para Nery (2016) a ideia da união entre corpo e espírito está intrínseca na cultura popular, isso contribui para a legitimação dos saberes das benzedadeiras, que por sua vez, atuam como agentes de cura do corpo e do espírito.

Moura (2009) destaca que a medicina oficial se concentrou na doença e não no indivíduo como um todo, priorizou os procedimentos e instrumentos tecnológicos implicando no distanciamento entre os profissionais de saúde e a população atendida. Sobretudo, as práticas do benzimento valorizam o toque, a aproximação humana, os sentidos como: o cheiro e a voz, sendo caracterizada pela gratuidade de serviços e pelo noção de caridade.

Medeiros, Nascimento, Diniz, Alchieri (2013) ressaltam que o impacto da cura das benzedadeiras não se limita ao indivíduo, ou em pequenos grupos, recai sobre toda a população, visto que todos são dotados de crenças, hábitos e costumes da cultura a qual pertence.

Sendo assim, dentro das comunidades existe a procura do trabalho oferecido pelas benzedadeiras. Pessoas dotadas ou não de crenças buscam nas práticas alternativas a cura para determinado problema. Oliveira (2013) justifica a sobrevivência da benzeção através das respostas fornecidas para diversas queixas de diferentes naturezas que extrapolam o conhecimento tecnológico e científico.

Além do processo da cura, podem possuir uma imagem de liderança dentro do território e/ou fomentar a discussão dentro dos coletivos voltados para as necessidades em saúde do território. Cunha e Assunção (2016, p. 198) ressaltam que:

[...] Além dos conhecimentos dos benzimentos, essas mulheres são hábeis no falar, exímias narradoras dos seus saberes e das memórias de seu grupo. Somente na experiência poética, o saber das benzedeadas que é voz se faz plena, presença semelhante a uma mensagem que não urge informar, mas se faz sentir enquanto corpo, palavras e sensibilidade [...].

As benzedeadas dão voz à comunidade, transbordando os saberes construídos pela coletividade ao longo da história. O resgate a nossa ancestralidade, as raízes do nosso povo permitem-nos refletir acerca da nossa construção social, realizando sucessivas aproximações à identidade dos coletivos, indispensáveis na atualidade, uma vez que o individualismo imposto socialmente se sobrepõe sobre a coletividade.

Na sociedade baseada no ego e na disputa de poder, Freire (1996), reflete sobre os equívocos dos militantes de práticas autoritárias e aponta o desconhecimento sobre a compreensão do mundo dos grupos populares, e a imposição dos seus conhecimentos como se fossem únicos e acabados.

É possível perceber a resistência dos profissionais de saúde em considerar válido o saber popular. Não é difícil às benzedeadas serem deslegitimadas e até mesmo ter invalidado os saberes que possuem.

Oferecer práticas populares alternativas dentro de instituições de saúde ainda é um grande desafio, devido às diversas tentativas de deslegitimação do conhecimento socialmente construído. Pensar o ofício das benzedeadas e entender que elas ocupam um espaço importante dentro das práticas de cura é ir além do hegemonicamente imposto pelas instituições de saúde que só valorizam as práticas biomédicas.

Nesse campo é possível perceber que, as benzedeadas se inseridas na rede de proteção, de referência da atenção básica, podem contribuir para maior aproximação

da população com os serviços de saúde, uma vez que, a população pode se reconhecer na figura das benzedeiras.

E, para, além disso, oferecer práticas alternativas a medicina oficial permite ao usuário escolher dentro de suas possibilidades a terapêutica que mais se adequa às suas queixas.

Ressaltamos também que, o potencial das benzedeiras está no papel liderança, na confiança que as pessoas depositam nelas, portanto, podem se tornar importantes agentes de mudança, motivadoras de movimentos na comunidade.

2.1 AS BENZEDEIRAS DO TERRITÓRIO DO ITAPOÃ

Adentrar o universo das práticas populares medicinais permite a desmistificação desse saber popular, propiciando o estreitamento das relações com a comunidade.

No território da UBS existem praticantes do benzimento de ambos os sexos, entretanto, realizamos um recorte para o gênero feminino, uma vez que o benzimento é praticado majoritariamente por mulheres, para além disso, as mulheres provavelmente foram as primeiras curandeiras da história, segundo Andrade (2019, p.103):

[...] A experiência das mulheres com os ciclos reprodutivos (gravidez, parto, pós-parto, aleitamento) teria estimulado um saber-fazer baseado na experiência cotidiana feminina, além de desenvolverem um conhecimento para interromper gestações indesejáveis. Eram momentos que envolviam as mulheres em redes de solidariedade e cuidado que talvez possam explicar a predominância feminina nas artes de cura [...].

Trazemos aqui uma aproximação às narrativas das benzedeiras sobre sua prática e relação com a UBS que construímos a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo descritiva e realizamos entrevistas semiestruturadas com base em um roteiro, contendo 10 perguntas. Escolhemos essa modalidade, pois a flexibilidade do roteiro com perguntas abertas favorece a coleta de dados mais abrangentes e ricos, não se limitando a perguntas engessadas, podendo contribuir

de forma positiva para o entendimento do pesquisador sobre as respostas dadas pelos entrevistados.

As entrevistas foram gravadas e transcritas manualmente, posteriormente duas categorias de análise, sendo elas: “Ser benzeadeira” “A relação do saber de cura das benzeadeiras e o saber hegemônico em saúde”.

Na primeira categoria buscamos compreender quais são os elementos que constituem e atravessam o cotidiano das benzeadeiras. Na segunda, buscamos explicitar a relação e a concepção que elas possuem sobre as práticas de saúde nas instituições de saúde.

As benzeadeiras sujeitos de nossa pesquisa foram identificadas como “reza” e “ramo”, o nome que atribuímos a elas é uma tentativa de valorizar seu ofício, e reconhecer o valor da materialização de seu saber através de suas objetivações para cuidar. A riqueza das falas foi intensa, aqui apresentamos apenas um olhar sobre esse arcabouço de sabedoria e experiências.

2.1.1 CATEGORIA 1: SER BENZEDEIRA

Entender o que é ser uma benzeadeira na sociedade contemporânea a partir da própria percepção do sujeito nos permite desvelar as particularidades que permeiam essa prática ancestral e nos aproxima do entendimento do que é viver possivelmente de forma diferente, vivenciar experiências cotidianas inusitadas, que podem gerar situações de preconceito e estranhamento dos serviços de saúde.

Podemos apontar que essa dinâmica vivenciada pelas benzeadeiras pertence a um universo que mistura o sobrenatural com o uso de recursos naturais para curar, condensa saberes milenares, que por vezes as instituições dominantes de cada período da história tentaram desmoralizar, visto que as práticas alternativas dificilmente correspondem a forma hegemônica de cuidar da saúde.

Na atualidade as práticas alternativas ainda que questionadas na maioria das instituições de saúde, resistem e compõe o cotidiano da população principalmente em cidades pequenas e nas periferias das grandes cidades.

Para nos aproximarmos do ser benzedeira iniciamos pontuando que não há um curso ou um modelo para se tornar benzedeira:

Eu via as outras benzedeiros fazer, às vezes quando ia levar os meninos com mal de simioto, então a gente via fazendo e guardava [...] Como sou curiosa ia me envolvendo com o que as outras faziam.

Reza

Minha mãe e avó benziaram [...] Meu marido não gostava, ele era meio chucrão [...] Ai depois que fiquei sozinha, tem quase 38 anos [...] Ai comecei fazer oração assim, com essa finalidade, tem 38 anos por ai que benzo.

Ramo

Podemos notar a partir das falas que cada benzedeira começou sua trajetória de uma forma. As diferenças em suas falas não representam certo ou errado, mas enriquece ainda mais essas práticas, uma vez que, o ofício além de ser repassado de geração em geração, também pode extrapolar os laços familiares e contemplar outros membros da comunidade como foi à situação da entrevistada *Reza*.

No referencial teórico estudado encontramos explicações diferentes para como o dom é transmitido, observamos que é comum a partilha dos saberes entre as gerações, entretanto, as pessoas também podem “receber o chamado de Deus” para desenvolverem o ofício e irem aperfeiçoando a técnica com base na observação das outras, assim como sucedeu com nossa entrevistada.

Benzer é um dom e também um ofício, que agrega saberes, fé, explicado por muitos com um dom. Reconhecer o ofício das benzedeiros implica em visualizá-las como sujeitas ativas dentro da comunidade, essas figuras além de oferecerem “a cura” para quem as procuram, também realizam a escuta humanizada atendendo as variadas queixas sem distinção das pessoas que as procuram.

Mesmo com todos os esforços dentro da política de saúde no Brasil para oferecermos atendimentos humanizados aos usuários, sabemos que existem diversos desafios para concretizar esse padrão acolhedor dentro das instituições, as benzedeadas por sua vez, sempre estão disponíveis de braços abertos para acolher quem quer que as procure como identificamos na fala da benzedead *Ramo*.

[...] Tem 38 anos que benzo [...] O povo vem sempre pra benzer, aparece em qualquer horário” “[...] Sempre vem bastante gente agradecer aqui, falar que deu tudo certo.

A procura constante pelos serviços das benzedeadas indica que elas acolhem e escutam a população, validando sua efetividade. Muitas respostas procuradas pela população não são respondidas nas instituições de saúde, ou por vezes não vão ao encontro da realidade dos sujeitos atendidos.

Acreditamos que as benzedeadas, por se constituírem dentro da comunidade, possibilitam o compartilhamento de experiências e vivências, as benzedeadas e os benzedeados vivenciam um cotidiano próximo, partilhando necessidades e desafios.

Os serviços de saúde tentam essa proximidade com os usuários, mas de certa forma acaba havendo uma diferenciação pela própria profissão e pela possível postura de vigilância durante a triagem e atendimentos. Esses empecilhos não ocorrem com as benzedeadas, que acolhem todos de braços abertos e não a mando do Estado.

De acordo com Marin, Scorsolini-Comin (2017) os praticantes do benzimento se concentram nas áreas rurais e nas periferias dos municípios, nesses espaços a comunidade valoriza e respeita essas figuras, onde além da cura exercem o papel de conselheiros em questões que vão desde a perda de objetos pessoais, dificuldades do matrimônio, dificuldades financeiras e problemas espirituais.

Ambas as entrevistadas atribuem o sucesso dos seus trabalhos à fé, sempre ressaltando que quem cura é Deus, que elas agem somente como mediadoras. Ressaltando sempre a gratuidade dos seus serviços a qualquer pessoa que às

procurar. O autor Quintana (1999 apud MARIN; SCORSOLINI-COMIN, 2017, p. 447) pontuam que:

[...] A benzeção pode ser caracterizada como uma atividade principalmente terapêutica, a qual se realiza através de uma relação dual entre cliente e benzedor. Nessa relação, a benzedeira exerce um papel de intermediação entre o sagrado e o humano objetivando a cura, e essa terapêutica tem como processo principal o uso de algum tipo de prece [...].

Nesse sentido a fala da entrevistada vai ao encontro do exposto acima, onde afirma que a fé é o principal elemento para se alcançar a cura:

[...] Ela veio aqui com o marido, porque alguém falou que eu benzia, ai eu peguei e benzi a filha dela, a mulher tava chorando e antes de ir embora falou 'Será que minha filha vai sarar?' eu falei 'Se você tiver fé', o marido dela riu e foi embora. Demorou um ano, ai eu tava no mercado e ela estava também, ai eu nem conheci ela e ela falou 'Olha aqui minha menina, depois daquele dia ela desenvolveu, cresceu e olha o tamanho que ela tá'.

Ramo

As falas nos revelam que as benzedadeiras acreditam no seu fazer. A fé é do benzido, mas também da benzedeira. Na fala delas percebemos que elas acreditam que o que fazem provocam mudanças, não por exclusividade da intervenção delas, mas pela intervenção de uma força maior que é Deus.

Esse negócio de 'ah vou na benzedeira', não é bem assim. É conforme a pessoa precisa da graça, sendo da vontade de Deus, na hora de Deus, ele cura sim, porque tem gente que vem aqui e fala 'nossa, a senhora me curou', não, quem curou foi Deus, eu não curo ninguém. Quem cura é Deuse a fé que a gente tem.

Ramo

O autor Lévi-Strauss (1991 apud MEDEIROS *ET AL*, 2013, p. 1346) explicam tal fenômeno, ressaltando um dos aspectos na prática de cura, a crença social no poder da terapia. Mesmo que as benzedadeiras acreditam na intervenção divina é no real que elas intervêm. Os benzedores utilizam-se dessa terapia, uma vez que os sujeitos participantes notam nela um sentido concreto. Mesmo não sendo uma

prática sistematizada, é uma prática que raramente se contradiz, portanto facilita a aceitação pela comunidade.

A vivência de realizar uma atividade que não é comum a todas as pessoas nem sempre é vivenciado de forma tranquila, ainda mais se a atividade em questão é imaterial e sofre tanto críticas como aclamação. Percebermos uma preocupação de ser correta na fala das benzedeadas, de serem pessoas do bem vinculadas ao Deus cristão.

Uma das benzedeadas expõe que há uns quatro anos atrás em uma confissão solicitou uma orientação acerca do ofício de benzedeadas para o padre da paróquia que frequenta, uma vez que ouviu alguns comentários pela comunidade de pessoas que são incrédulas às práticas do benzimento:

Eu falei pra ele sobre isso e ele falou 'Não, a senhora pode benzer sem receio, é uma graça a mais que a senhora alcança e de quem vai', e falou, 'minha mãe também era benzedeadas e ela benzia todo mundo que ia em casa. Benzimento é um dom que Deus dá à pessoa, aí já vem da avó, da mãe, da tia, é uma coisa pessoal que vem da pessoa é um dom. As vezes a senhora vai lá no fundo do quintal pega um raminho e a criança sai curada, isso aí é dom de Deus, não é de todo mundo'.

Ramo

A entrevistada refere procurar o padre, pois ele tem domínio dos ensinamentos da bíblia. É importante pontuarmos que Segundo Oliveira (1985 apud Marin; Scorsolini-Comin, 2017, p.448), inicialmente a prática da benzeção era majoritariamente católica, o que limitava as práticas dentro das Igrejas e santuários, entretanto, recentemente, religiões como a umbanda, o candomblé, os pentecostais e o kardecismo começaram a multiplicar as possibilidades de rituais, de significados e de desenvolvimento dessas práticas e isso incomoda as benzedeadas que entrevistamos.

Nas falas das entrevistadas, podemos notar a preocupação de ambas em ressaltar que professam a fé católica:

Sempre fui católica, nunca fui de outra religião não [...] Espírito mau... Mas tem quem faça esse tipo de coisa, mas benzedeira não faz exorcismo [...] Minha irmã é crente e ora pelos outros, não é benzimento, mas é oração.

Reza

Mexe com espiritismo, essas coisas... Não mexo não [...].A pessoa que me indicou não sabia que não era eu que ela queria, mas outra senhora que mexe com essas coisas [...] Eu não mexo com esse negócio de arrumar marido [...]

Ramo

As falas das entrevistadas revelam não somente o preconceito com as demais religiões resalta também que as mesmas têm medo de serem confundidas com as outras mulheres adeptas de outras religiões.

Buscando entender a origem do preconceito para tudo que difere da prática cristã, nós voltamos à Idade Média, onde a Igreja Católica cassava as mulheres que curavam sob a alegação de que eram bruxas. Segundo ZORDAN (2005. p.332):

[...] Cunhada dentro do cristianismo, a figura das bruxas traduzia-se em mulheres devoradoras e perversas que matavam recém-nascidos, comiam carne humana, participavam de orgias, transformavam-se em animais, tinham relações íntimas com demônios e entregavam sua alma para o diabo. Uma análise da farta literatura sobre o assunto nos mostra que a caracterização da bruxa que vigorou durante a Inquisição, ressoando até os dias de hoje, constitui-se como um dos elementos mais perversos produzidos na sociedade patriarcal do Ocidente [...].

Ou seja, a barbárie cometida com essas mulheres através da justificativa de que eram hereges e deveriam ser eliminadas ecoam até os dias atuais. A violência praticada contra esse grupo foi tão intensa que perdura até hoje. O preconceito existe sob novas roupagens, de forma mais velada, entretanto, segue reforçado pela Igreja Católica. As benzedeadas frutos do meio social em que vivem, apenas reproduzem os preconceitos sem se atentar às raízes de tal problemática.

E é necessário notarmos que mesmo tendo que se esconder, modificar suas práticas, muitos rituais permaneceram. Embora, seja certo que o sincretismo religioso produziu diversas mudanças, ainda é possível percebermos a permanência das particularidades dos rituais de benzimento como o uso de materiais naturais e as rezas o que torna claro que ofício das benzedadeiras condensa conhecimentos místicos/ religiosos e a medicina popular:

Cortar o cobreiro é um galho de mamona, arruda também é bom, alecrim, os ramos que tem cheiro. Falava: para o cobreiro bravo, corto a cabeça e o rabo. Ai eu cortava três talo da mamona e dava pra por em cima do fogão para secar e deixava três dias os três talos de mamona. Quando secava o cobreiro já tinha secado.

Reza

Ai eu pego três ramos e vou fazendo a oração com aqueles três raminhos. É bom assim, raminho de arruda [...], alecrim, e se por acaso não tiver arruda ou alecrim, pode ser um raminho verde, mas é três raminhos. O específico é arruda ou alecrim, mas caso não tiver pode ser três ramos verde.

Ramo

Podemos notar a partir das falas a presença do uso dos recursos naturais – os ramos - e a religiosidade expressa por meio das orações. Os ramos mencionados em ambas as falas são os mais utilizados nos benzimentos. Nery (2016, p. 05) pontua que, “[...] Segundo a crença popular, as folhas do ramo, que exalam um forte odor principalmente se maceradas, quando usadas para benzer ficam murchas porque recebem o malefício que estava no doente.”.

Historicamente a *Ruta graveolens* ou *Ruta chalepensis*, conhecida como arruda, tem sido utilizada para diversos fins medicinais e/ou religiosos. A arruda é uma planta muito sensível, podendo morrer facilmente se não tiver os cuidados adequados. Ela exala um forte odor e em tamanho adulto pode atingir até 60 cm em média.

Popularmente a planta é famosa para espantar o ‘mau olhado’, essa característica mística é oriunda na Grécia Antiga, segundo Oliveira (2006), as mulheres gregas

andavam com um ramo de arruda na mão no intuito de espantar doenças contagiosas e más vibrações. Posteriormente, na Idade Média, podemos observar o uso dessa planta na Igreja Católica, a arruda servia para a proteção das pessoas contra as feiticeiras, além disso utilizam os ramos para aspergir água benta nos fiéis.

Para além das propriedades místicas, a planta possui diversas propriedades medicinais. Comumente usada no tratamento de sarnas, dermatites, alterações menstruais, dores de cabeça entre muitos outros problemas de saúde.

A arruda é uma planta usada mundialmente, seus benefícios são reconhecidos popularmente e cientificamente. O uso desses ramos pelas benzedadeiras pode ser explicado então pelas propriedades medicinais comprovadas que a arruda possui, e o aspecto religioso atribuído à planta pela Igreja Católica na Idade Média perdura até os dias de hoje e embasa a prática dessas mulheres.

Já o alecrim ou *Rosmarinus officinalis* L., segundo Porte; Godoi (2001) era queimado nas igrejas quando faltavam incensos, devido ao seu cheiro agradável. Suas propriedades terapêuticas principais são: estimulante digestivo, antiespasmódica, estomacal, vasodilatadora, antisséptica, antidispéptica, anti-inflamatória.

A utilização dos ramos de cheiro forte nos rituais de cura não é por acaso, constatou-se ao longo dos anos que tais plantas possuem diversas propriedades medicinais, podendo então ser utilizadas para variados tratamentos. Apesentam também propriedades medicinais, historicamente nas diversas civilizações foram atribuídos papéis místicos as plantas, e, como podemos observar muitos prevalecem até a atualidade.

Conjuntamente ao uso de ramos medicinais, os rituais de benzimento também se utilizam de orações. Quanto mais forte a oração possivelmente melhor o benzimento. Essas orações se generalizaram, ganhando especificidade e até exclusividade no benzimento de algumas benzedadeiras reforçando a característica de “dom” da prática.

Era uma falação enrolada, ninguém entendia o que elas falavam. Elas rezavam o Pai Nosso, Ave Maria e a oração pro Anjo da Guarda.

Reza

Minha mãe tinha uma oração forte que essa eu não sei *...+ Ela levantava de manhã sem conversar, em jejum, depois que ela fazia aquela oração que ela ia tomar café e conversar, dizem que essa era uma oração forte.

Ramo

Os autores Assunção e Cunha (2017, p.198) explicam que tal fato se dá porque:

[...] As benzedeirias usam palavras diferentes para curar o mesmo tipo de doença. Como tradutoras, se dão a liberdade de buscar outras palavras para dizer a mesma coisa. Importa não o significado cognitivo, mas através do seu ritual, da performance e da poesia oral, destravar regiões do inconsciente [...].

Em outras palavras, os autores destacam que poder das orações está para além do que é pronunciado, a força se encontra também na forma em que é entonada nos rituais.

Entretanto Nery (2016) aponta que “[...] Algumas orações não podem ser reveladas, como aquelas rezadas contra os inimigos ou para fechar o corpo pois, os benzedores temem que, revelando o segredo, elas “possam perder o encanto.”

A entrevistada Ramo quando questionada sobre, revela que:

Naquela hora que a gente ta concentrado em oração, dentro de mim do meu coração que venha algo que eu possa falar pra pessoa [...] Isso é uma coisa que tem que sentir naquela hora.

Esses elementos dão fundo ao cenário da diversidade dentro do universo das benzedeirias, todavia, nenhuma oração é considerada menos importante. Elas são realizadas e direcionadas conforme a necessidade da pessoa atendida:

Você reza para aquele santo que você tem fé, se você tem fé em Nossa Senhora Aparecida você reza pra ela [...] Santo Expedito é para um milagre urgente. Depois tem os anjos, São Rafael, Miguel.

Reza

Santa Luzia faz a intercessão se você pede pra ela curar a visão, hoje é dia de São Judas Tadeu o dia dos endividados.

Ramo

A partir das entrevistas e da análise do referencial teórico, entendemos que a oração é de extrema importância para o ritual, pois nela se verbaliza o que as pessoas buscam e também há a reafirmação do pedido da cura a Deus através dos versos.

As entrevistadas se apresentam apenas como mediadoras e as orações dirigidas aos santos em quem tem fé acontecem sob a justificativa de que eles atuarão como intercessores entre elas, as pessoas atendidas e Deus.

A diversidade no campo religioso também atinge a fé cristã, portanto, a multiplicidade dentro do campo das orações é notável, também contamos com milhares de figuras de santos católicos o que contribui diretamente para as distinções nos rituais que possuem as mesmas finalidades. Acima de tudo, o mais importante nos parece, é a fé no alcance da cura procurada.

E assim, através das falas das entrevistadas podemos perceber que a circulação dos saberes acontece dentro não somente do bojo familiar, mas atinge a comunidade de forma ampla. Nesse sentido Nery, (2016, p.02) afirma que as benzedeiros “[...] estabelecem com a comunidade um sistema próprio de comunicação que está além da comunicação oficial da mídia de massa, através de seus cantos, gestos, rezas e orações”.

Ainda buscando compreender o (alcance das práticas de cura,) O SER BENZENDEIRA tomamos como referência Freire, (1985), que pontua a reciprocidade comunicante para a eficiência do ato comunicativo, ou seja, “[...] a

expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito.”.

Assim, entendemos que um dos fatores contribuintes para a resistência das práticas de benzimento acontece, uma vez que os elementos dessa tradição vão ao encontro dos elementos culturais e sociais da comunidade, produzindo redes de identificação e aceitação entre os sujeitos e as práticas.

2.1.2 CATEGORIA 2 – A RELAÇÃO DO SABER DE CURA DAS BENZEDEIRAS E O SABER HEGEMÔNICO EM SAÚDE

Historicamente o saber popular para curar passou de única fonte de cura para o desprezo total pelo chamado saber científico. Na contemporaneidade embora de forma tímida, há uma “movimentação” que pauta o reconhecimento da validade das práticas populares de cura das benzedeadas valorizando os chás e as ervas utilizadas por elas.

Em 2006, tivemos a aprovação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS, que propõe incorporar práticas alternativas no sistema público de saúde, dando ênfase para Medicina Tradicional Chinesa, Acupuntura, da Homeopatia, da Fitoterapia, da Medicina Antroposófica e do Termalismo-Crenoterapia. A PNPIC (2006, p. 5) defende que “[...] Tais abordagens contribuem para a ampliação da corresponsabilidade dos indivíduos pela saúde, contribuindo assim para o aumento do exercício da cidadania.”.

A política não inclui o benzimento, entretanto, parte do conhecimento das benzedeadas, referente às plantas medicinais se adequa no campo da fitoterapia. A criação de tal política nos inspira a pensar em incluir novas formas de práticas alternativas dentro do SUS, considerando as especificidades dos territórios.

Ganha importância esse processo se percebemos que mesmo desacreditadas cientificamente, em muitas cidades, em determinadas regiões os serviços de saúde

não estão ainda ao alcance de toda população as benzedeadas são a única opção diante do sofrimento.

[...] Então, antigamente naquele tempo, lá no Nordeste, porque eu sou de lá *...+ Nem médico tinha, era só remédio caseiro e oração que as benzedeadas faziam. [...]

Ramo

Percebemos na fala de Ramo que a população por diversas vezes desamparada pelo Estado, procura meios alternativos para resolver os problemas cotidianos, inclusive às queixas de saúde. Esse fenômeno é mais expressivo nas zonas rurais e nas periferias das cidades a prática do benzimento se sobressai, uma vez que nesses espaços o Estado atua de forma menos expressiva, quando não é ausente.

[...] Não era fácil, quando o parto ocorria tudo bem, beleza, mas quando o parto é complicado... Tem que chamar o médico né, quando tinha médico, porque quando não tinha chegava até morrer no parto. Quando nascia os pés primeiro, vish era um sacrifício voltar os pés pra trás por ele na posição certa... A criança morria mesmo [...]

Reza

Percebemos na fala da Reza o reconhecimento de situações que se faz necessário à presença do médico, ou seja, do saber científico reconhecendo os limites das práticas populares em saúde, quase que em lamento, pois aponta também a falta de profissional disponível para atender as necessidades da população. Essa fala deixa a reflexão sobre a importância da qualificação das benzedeadas para enfrentar algumas questões como parto em regiões que a falta de serviços médicos é efetiva.

As benzedeadas significam em determinadas regiões o socorro para dores físicas e emocionais de parcelas significativas da população segundo MOURA (2009, p. 84):

[...] Essas eram curandeiras, benzedeadas e parteiras que, sendo possuidoras de um saber informal, transmitido por gerações, eram fundamentais nos tratamentos de problemas diários enfrentados por muitos homens e mulheres. [...]

Se dentro dos serviços de saúde há um caminho para se trilhar e construir espaços consolidados para as práticas alternativas, a benzedeira por sua vez, na entrevista reconhece a importância de procurar os serviços de saúde quando necessário:

[...] Ah criança sempre vem, com mau olhado, lombriga, essas coisas de criança, mas eu já falo logo, se vem uma criança muito doentinha que eu não sei o que é a gente benze e que Deus abençoe, mas quando chega aqui e: *Ah meu filho ta com diarreia, ta com não sei o que, tá com febre*, eu tenho muito medo dessas coisas e falo: *Mas vocês já foram no médico? Eu vou benzer, fazer oração mas vocês leva no médico!* [...]

Ramo

[...] Tem que se resguardar né?! De vez em quando vem com criança e eu já falo assim: *Já levou no médico? Ah, não? Então leva!* Uma vez um senhor veio aqui com uma criança, eu não sei o que a criança tinha e o doutor também não sabia, ele já tinha ido levar a criança no médico e a criança ruim com febre. Trouxe aqui, eu fiz a oração. Ele voltou aqui e disse: *Ah, não valeu nada, minha filha ainda tá doente do mesmo jeito.*[...] *Então você leva ela no médico e faz exame, porque ai o médico te dá resposta do que a criança tem.* [...]

Ramo

A preocupação na fala da benzedeira com o tratamento adequado é nítido. Quando nos debruçamos na linha de evolução das práticas de cura observamos que em diversos momentos históricos as praticantes foram boicotadas, perseguidas e até mortas. O saber de cura dessas mulheres desmoralizado por diversas instituições ao longo dos anos e embora o mesmo tenha resistido, às marcas históricas refletem até hoje.

Ao passo que a benzedeira realiza seu ofício e encaminha para um serviço de saúde, ela não só reconhece que o seu saber é limitado, atuando como ponte entre o usuário e os serviços de saúde. Essa característica merece destaque enquanto uma potencialidade na orientação da população para a busca pelos serviços de saúde.

Nessa dialética a população estrutura suas redes de apoio e cuidado. As benzedeadas são sujeitos importantíssimos nessas redes do território, visto o saber acumulado que possuem sobre as plantas e suas propriedades terapêuticas. Além do próprio benzimento, realizam orientações acerca de remédios caseiros para os mais variados problemas de saúde.

[...] Minha filha, ela tinha um bronquite que olha... Eu levava no médico e benzia e levava no médico e ele não acertava, e naquele tempo tinha muita terra e muito pó e atacava tudo a bronquite dela. Eu fiz esse xarope e no outro dia ela amanheceu com fome, já comeu, ficou boazinha [...]

Ramo

[...] O xarope de alho que é bom pra bronquite, você pega uma cabeça de alho, descasca, soca ele, aí você põe três copos de açúcar, mas primeiro você põe aquele alho e põe uma colher de gordura sem sal, aí você frita aquele alho aí quando ele tá moreninho põe três copos de açúcar até ele ficar caramelado... Você pega e põe mais ou menos 1litro de água e vai deixar ferver, ele fica aquele xaropezinho grosso, para curar a bronquite fica uma beleza [...]

Ramo

As plantas utilizadas geralmente são fácil acesso e possuem baixo valor de compra, além do mais algumas das ervas podem ser cultivadas nos domicílios favorecendo o acesso da população. Entretanto, a benzedeadas Ramo desabafa “Hoje doeu a perna? É o doutor, ninguém lembra mais de remédio caseiro”.

Acreditamos que tal hábito poderia ser resgatado e os profissionais da UBS poderiam trabalhar em parceria com as benzedeadas, legitimando a eficácia dos remédios caseiros. Ofertando a população outras possibilidades de tratamentos terapêuticos.

Entendemos que em algumas situações a automedicação pode ser nociva à saúde, isso se aplica aos remédios caseiros e aos medicamentos industrializados. Portanto, entendemos que a união entre profissionais da saúde e as benzedeadas é

extremamente importante, visando estimular o consumo consciente e moderado desses recursos.

A união entre os saberes populares e o científico propiciará o oferecimento de atendimentos que se aproximem da realidade dos usuários, trazendo-os mais para perto da UBS, na intenção de que eles utilizem os serviços de saúde e se sintam compreendidos e acolhidos.

Dessa forma, a co-responsabilização do usuário em seu processo saúde-doença, nos parece que pode se dar de forma mais efetiva, uma vez que, direcionemos nossos esforços para atendê-los em suas múltiplas demandas e particularidades.

A proposição da união dos saberes implica em diversos desafios, uma vez que os próprios profissionais de saúde inferiorizam o saber popular, entretanto, devemos nos ater ao fato que o usuário e suas demandas são o foco do nosso trabalho, portanto, buscar terapêuticas que contemplem seu cotidiano é um dos possíveis caminhos para superarmos as barreiras entre as instituições de saúde e os usuários atendidos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que os espaços ocupados pelas benzedeadas nos diferentes territórios são resultados de uma construção histórica que resistem e se integram a vida das comunidades de diferentes formas.

Considerando que o ofício das benzedeadas atua no processo saúde doença, agregá-lo a rede de proteção das instituições de saúde representa um esforço em criar redes também com a comunidade, tendo essas figuras não só como ponto de apoio, mas como sujeitas ativas dentro desse processo.

As entrevistadas nos apontam que antigamente havia muita dificuldade em acessar os serviços de saúde, quando eles não eram inexistentes, portanto, foram obrigadas

a buscarem medidas alternativas para os problemas que acometiam a comunidade à qual pertenciam.

As benzedeadas mantêm sua postura de humildade, e de grande saber na apreensão do mundo, elas apontam que em determinadas circunstâncias apenas o benzimento sozinho não é capaz de sanar e trazer a cura aos problemas de saúde, reconhecendo assim a importância da ciência e dos serviços prestados pelas instituições de saúde.

Na prática do ofício diante da necessidade de uma pessoa as benzedeadas, rezam, bem dizem e indicam remédios caseiros, e quando julgam necessário orientam que o serviço de saúde seja procurado.

O acolhimento e escuta são os grandes instrumentos das benzedeadas que envolvidas nos significados e na fé da população, passam ter um grande influência e poder de persuasão sobre a população. Essa capacidade, entendemos que deve ser considerado e valorizado pelos profissionais de saúde no sentido de agregar essa capacidade das benzedeadas para as atividades de promoção de saúde e nas atividades de assistência cotidianas da UBS.

Durante as entrevistas podemos notar que, essas mulheres não tem um espaço na UBS onde possam demonstrar seus conhecimentos empíricos referentes às práticas de cura que desenvolvem. E em algumas falas fica explícito que elas têm a consciência que o saber biomédico é mais valorizado do que o saber popular.

Além disso, nas falas é possível observar o receio na hora de realizar o benzimento frente a determinadas condições de saúde apresentadas pela população. Visualizamos esse “medo” na hora de desempenhar o ofício do benzimento, como produto da perseguição contra essas mulheres que ocorreram durante séculos e ainda hoje convivemos com as marcas dessa empreitada misógina, mas fundamentalmente da capacidade que elas têm de apreender o mundo e entender a gravidade das dores e das determinações dessas dores.

Os séculos de perseguição, também representam o tempo de resistência dos saberes construído historicamente. Nós, enquanto profissionais de saúde devemos respeitar esses conhecimentos na perspectiva de valorizar a riqueza que o universo das práticas populares nos proporciona. A troca de conhecimentos popular x científico nos parece muito rica, pois nos permite explorar novas possibilidades frente aos problemas cotidianos.

Por fim, reconhecer o ofício das benzedeiras implica em reconhecer sua importância e a magnitude do seu trabalho que historicamente foi lhes negado. Desde a antiguidade as mulheres têm desenvolvido práticas de cura e detém um acervo riquíssimo de conhecimentos que devem ser aproveitados e disseminados na comunidade.

Atualmente frente ao cenário caótico que enfrentamos de desmonte das políticas públicas, sucateamentos dos serviços públicos e desmobilização da população, construir conjuntamente com população serviços mais humanos e coerentes com realidade do território e aproveitar esse espaço para estar efetivamente presente na comunidade e fomentar diálogos e debates que abarquem a temática da cidadania e dos direitos e fundamentalmente da garantia da qualidade de vida.

Acreditamos que o caminho a se trilhar será árduo, entretanto, entendemos que somente através das lutas coletivas conseguimos conquistar espaços de fala, direitos e avanços.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mara Zélia. **Plantas Mediciniais**. 2011. Disponível em <https://static.scielo.org/scielobooks/xf7vy/pdf/almeida-9788523212162.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2020.

ANDRADE, Adriane. **O Movimento Aprendizizes De Sabedoria (Masa): Tecendo Territorialidades De Cura Na Disputa Por Saberes Comuns**. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em

<https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=58110&id programa=40001016035P1&anobase=2019&idtc=1379>. Acesso em: 15 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS** : atitude de ampliação de acesso / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – 2. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2015. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf. Acesso em 10 nov. 2020.

CUNHA, Lidiane Alves; ASSUNÇÃO, Luiz. Carvalho. **Abençoada cura**: poéticas da voz esaberes de benzedeiras. Revista Brasileira De História Das Religiões, Maringá, v. 9, n.27, p. 189-227, jan./abril. 2017. DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v9i27.31436>. Disponível também em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/31436/18117>. Acesso em: 19 jul. 2020.

FEDERICI, Sílvia. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. Traduzido por Heci Regina Candiani. Revista Eletronica Trilhas da História, v. 10, n. 18, p. 302- 306, jan./jul. 2020. Disponível em <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/9952> Acesso em: 15 nov. 2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf> Acesso em: 20 ago. 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação São Paulo**: Paz e Terra, 1983. Disponível em <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/7.-Extens%C3%A3o-ou-Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 25 ago. 2020.

MARIN, Raquel Cornélio; SCORSOLINI-COMIN, Fábio. **Desfazendo o “Mau-olhado”**: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedeiras. 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v37n2/1982-3703-pcp-37-2-0446.pdf> Acesso em: 19 ago. 2020.

MARTINS, Aline. Em unidades de saúde, benzedeiras ajudam a cuidar do corpo e da alma. 2019. **Secretaria De Saúde Do Distrito Federal**. 16 ago.19. Disponível em <http://www.saude.df.gov.br/em-unidades-de-saude-benzedeiras-ajudam-a-cuidar-do-corpo-e-da-alma/> Acesso em: 15 nov. 2020.

MEDEIROS, Rafael Eduardo Gurgel de; NASCIMENTO, Ellany Gurgel Cosme do; DINIZ, Gabriele Maria Dantas; ALCHIERI, João Carlos. **Na simplicidade a complexidade de um cuidar**: a atuação da benzedeira na atenção à saúde da criança. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.23, n.4, p. 1339 – 1357, oct./dez. 2013. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/physis/2013.v23n4/1339-1357/pt> . Acesso em: 10 ago.2020.

MERHY, Emerson Elias. **O ato de cuidar**: a alma dos serviços de saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde.

Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Ver-SUS Brasil: caderno de textos. Brasília: Ministério da Saúde, p.80-99, 2004. Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/versus_brasil_vivencias_estagios.pdf. Acesso em: 13 set de 2020. Acesso em: 13 set de 2020.

MERHY, Emerson Elias. **Ver a si no ato de cuidar**: Educação Permanente na Saúde. In: BRASIL. Associação Brasileira da Rede Unida. FERLA, A.A.; RAMOS, A.S.; LEAL, M.B; CARVALHO,

M.S. (org). Caderno de Textos do VER-SUS/ Brasil. Porto Alegre: Rede Unida, 2013, p.58-71. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4447985/mod_resource/content/1/FINANCIAMENTO201_VERSUS.pdf Acesso em: 13 ago. 2020.

MOURA, Elen Cristina Dias. **Entre Ramos e Rezas**: O Ritual de Benzeção em São Luiz do Paraitinga, De 1950 A 2008. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp099784.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020. Acesso em: 10 ago. 2020.

NASCIMENTO, Monique Batista. **CAÇA ÀS BRUXAS, A HISTÓRIA DO PRESENTE**: UMA ABORDAGEM SOBRE O CONTROLE DO CORPO FEMININO. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em <https://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/MONIQUE-BATISTA-DO-NASCIMENTO.pdf> Acesso em: 28 nov. 2020.

NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções**: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. Revista Includere, Mossoró, v. 2, n. 2, p. 27-273, 2016. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/120415399193864084132347838529996558992.pdf> Acesso em: 18 jul. 2020.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Trinquinato Toriani Lourenço. **Ruta graveolens L. (arruda) O conhecimento e suas particularidades**. 2006. Monografia (Especialização em Fitoterapia) - Faculdades Integradas "Espírita", Curitiba, 2006. Disponível em https://www.ppmac.org/sites/default/files/monografia_ruta_graveolens.pdf Acesso em: 20 out. 2020.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. **Bruxas**: figuras de poder. 2005. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200500020007/7827> Acesso em: 01 nov. 2020.